



DIFERENSA, OU O ABUSO EM TRADUÇÃO
(*DIFERENSA, OR THE ABUSE IN TRANSLATION*)

Nícia Adan BONATTI (UNICAMP)

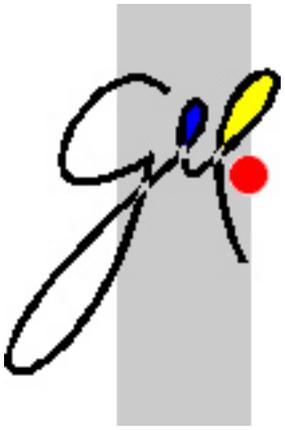
ABSTRACT: *Ce travail examine la notion d'abus dans la langue source et dans la traduction (ce que bouscule une certaine vision de la fidélité), proposée par Philippe Lewis. Ensuite, elle est appliquée aux traductions brésiliennes du mot "différance" derridien, et l'on analyse son étendue.*

KEYWORDS: *traduction; us; abus; différence; diferença.*

Na mesa-redonda sobre Tradução que encerra a obra de Jacques Derrida intitulada *The ear of the other*, Philip Lewis propõe uma reflexão sobre esse campo de estudos que faça recurso à noção de *abuso*. Por essa designação Lewis entende, depois de Derrida, precisar o sentido de um movimento de tradução, que não é regido por um cuidado simples no que diz respeito à fidelidade, mas que representa um processo de economia. Essa economia concerne o jogo multiplicante e disseminado que confere a um dado termo ou expressão o efeito do que ele chama de operador textual.

Dentro dessa axiológica, *o risco a ser evitado* seria um gênero de fraqueza, isto é, uma tradução que simplesmente repete o usual e que se curva diante do que, no texto de partida, perturba, confunde, desconcerta, abusa da língua e do pensamento ou, em outras palavras, daquilo que visa o impensado, através do inter-dito. Esta seria uma tradução desencantada, faltosa, fraca, ou, nas palavras de Lewis, entrópica (do grego *entropé*, "voltar atrás"). Por outro lado, um *novo risco deve ser assumido*, em função mesmo da possibilidade de haver tradução, isto é, de um poder da linguagem que inexoravelmente tende na direção da diferença. Este risco seria o antípoda do anterior e faria recurso a um gênero de força que levaria a tradução a uma valorização da experimentação, a um abalo da língua e a um desencadeamento de novos usos que respondesse à plurivocidade do texto a traduzir, produzindo, assim, sua própria plurivocidade.

Essa estratégia não propõe rejeitar as normas de inteligibilidade, nem ferir os escrúpulos que tem todo tradutor em sua prática, naquilo que ele supõe ser "fidelidade" e que não deixa de ser uma constante em seu trabalho, mas sim *suplementar* a falta inevitável, inerente ao próprio processo da tradução. Note-se que o objeto do ato abusivo, ou da manobra arriscada em tradução, não poderia ser um elemento qualquer — seria principalmente uma força-chave dentro do texto, e já ocuparia esse estatuto na própria língua de partida: ofereceria resistência à compreensão usual, causaria estranhamento e propiciaria pluralidade de leituras.



O trabalho de abuso tradutório dirigir-se-ia, então, para esses pontos de força particulares, para o que Lewis chama de “nós de energia textual”, pouco importando que sejam palavras, expressões, ou formulações mais elaboradas. Além disso, o abuso formar-se-á não somente em uma relação de ambivalência com o texto que traduz, mas também com a língua *da qual* se traduz e com o regime de uso dessa língua. O abuso teria então um duplo movimento: de um lado, rearticular o abuso do texto traduzido, fazendo com que sobressaiam a força do elemento, a resistência a uma compreensão usual e o abalo que causam em sua língua de origem; de outro, permitir deslocar, reconduzir e transformar esse abuso em solo novo, onde ele se desdobrará, por sua vez, em uma dupla função: “por um lado, forçar o sistema lingüístico e conceitual no qual é tomado e, por outro lado, remeter para o texto que traduz um esclarecimento crítico, um *après-coup* desarticulador” (Lewis, *op. cit.*: 256).

Também há que se fazer uma correlação entre os dois fenômenos, *uso* e *abuso*, para que, ligados no jogo onde desempenham ao mesmo tempo funções contrárias e complementares, atuem em três lugares: na língua de partida, na língua da tradução, e na relação *entre* as duas. Por outro lado, esse abuso deve ser passível de retomada, deve ser suscetível à rearticulação e ao deslocamento contínuo em um contexto vizinho, para que tome toda sua dimensão e para que o abuso possa repercutir. É nesse sentido que propomos aqui a análise da tradução de *différance* para o português.

Derrida discute esse termo em uma conferência proferida na Sociedade Francesa de Filosofia, em 27 de janeiro de 1968, e reproduzida na revista *Tel Quel* (1968). De fato, existe em francês uma palavra homônima dicionarizada, que é *différence*, escrita com “e”. No lugar dessa letra, ele propõe uma nova grafia, com “a”, o que não altera o som da palavra (a pronúncia é *exatamente* a mesma), mas cria de imediato um estranhamento para quem a lê ou escreve. Derrida aponta para algo além do neografismo ou da falta ortográfica e indica que, mesmo que se queira passar essa infração em silêncio, o interesse por ela despertado já se deixa assinalar, marcado por um deslocamento inaudível. Essa discreta intervenção, como aponta o autor, permanece puramente gráfica — ela pode ser escrita ou lida, mas não pode ser ouvida, o que o leva chamá-la de “marca muda”. Essa indecidibilidade — *différence* com “e” ou com “a” — remeterá sempre a um texto *escrito*, que só pode funcionar no interior de um sistema de escritura fonética e dentro de uma língua que dispõe de uma gramática historicamente construída, ligada à escritura fonética e à cultura que lhe é intrinsecamente inseparável. Ora, a estratégia de Derrida revela que, contrariamente a tudo o que se acreditava, não existe escritura pura e rigorosamente fonética. Segundo esse autor, a escritura dita fonética só pode funcionar se admitir em si mesma “signos” não-fonéticos, tais como pontuação, espaçamento, etc.

Retomando Sausurre quanto ao jogo de diferenças, que é a condição de possibilidade e de funcionamento de todo signo, Derrida indica que esse jogo é silencioso. Com efeito, é inaudível a diferença entre dois fonemas, e ela é a única que lhes permite ser e operar enquanto tais. Essa evidência provoca um



abalo ao mostrar que, além de não haver escritura fonética, não há *phonè* puramente fonética: “A diferença que faz funcionar os fonemas e lhes dá a entender permanece, em si, inaudível” (*Op. cit.*: 43).

O verbo *différer* vem do latim *differre*, e cobre dois sentidos distintos (que no *Littré* são objeto de dois verbetes diferentes). *Differre* vem do grego *diapherein*, língua onde não consta uma das acepções verificadas no latim. Essa acepção é a ação de postergar, de remeter para mais tarde, de levar em conta o tempo e as forças em jogo que implicam um desvio, um atraso, uma demora, uma reserva, uma representação, que Derrida acaba por resumir numa só palavra: *temporização*. Usada nesse sentido, diferir quer dizer temporizar, recorrer à mediação de um desvio que suspenda a realização do desejo ou da vontade, permitindo-lhe ocorrer, mas com um efeito de anulação ou atenuação. Essa temporização implica um espaçamento, um intervalo que ocorre entre o primeiro movimento e sua realização temporizada, modificada. O segundo sentido de *différer* é aquele do uso comum: não ser idêntico, ser outro, discernível etc.

A palavra *différence* (com *e*) não remete a essas duas vertentes, e a perda de sentido que nela se verifica deveria ser compensada pela palavra *différance* (com *a*). Esse neografismo ou neologismo pode remeter *ao mesmo tempo* à configuração completa de suas significações sendo, de partida, inexoravelmente polissêmico. Derrida prossegue sua argumentação a respeito de *différance* de uma forma que não nos ocupará aqui, mas que envolve uma relação com a letra A (maiúscula) inserida nessa grafia e que remete à leitura que Hegel faz de seu formato piramidal.

Para os propósitos que nos interessam no momento, devemos reter então os pontos examinados: 1) *différance* não é uma mera transgressão ortográfica e foi articulada com vistas a causar estranhamento; 2) ela é uma “marca muda” que, por seu mecanismo de atuação, abala a crença até então estável de uma escritura puramente fonética; 3) há uma economia que rege o uso de *différance* fazendo com que atue, de partida, de forma polissêmica; e 4) essa grafia constitui um *abuso*, no sentido proposto por Lewis.

Ora, na edição brasileira de *A Escritura e a Diferença* (1971), Maria Beatriz Marques Nizza da Silva usa o termo “diferência”. Essa opção é endossada por Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro, tradutores de *Gramatologia*, que justificam sua adesão a essa escolha em nota de rodapé (1973:29). Embora constitua uma transgressão ortográfica, “diferência” não remete de modo algum às duas vertentes da francesa *différance*. Além disso, ela acrescenta uma letra “i” que não consta do projeto derridiano, vindo mesmo a solapá-lo. Ela é claramente pronunciável, audível e discernível, o que coloca por terra o abalo proposto por Derrida. Apesar da ousadia da tradutora que propôs o termo, este não é um abuso defensável e tende a diminuir a precisão indicada por Derrida. O deslocamento de que fala Lewis é aqui pouco eficiente e negligencia a necessidade de desenvolver uma estratégia rigorosa para garantir à terminologia condições de possibilidade e o sentido estrito de seu emprego em Derrida. Os abalos de força significantes — os abusos — administrados pela



língua francesa são mal transmitidos no texto traduzido. Por outro lado, não há no português a possibilidade de repetir na íntegra o abuso efetuado na língua francesa, dado que não há a alternativa de se colocar um A que faça o jogo de remeter a um neologismo ou neografismo, permanecendo inaudível, e que, simultaneamente, recorra à leitura hegeliana que Derrida efetua. Há então que se fazer uma escolha que implique um deslocamento possível à articulação do jogo da *différance*.

Confrontada profissionalmente com esse problema, propus, na tradução de *Sauf le nom* (*Salvo o Nome*, 1995), a grafia *diferensa*. Ela não alude imediatamente aos dois sentidos, mas causa um estranhamento e não pode ser discernida na fala ou na escuta. Além disso, por remeter também a “diferença” e, portanto, a “diferir”, recobre, no limite, o *differre* latino, mesma fonte do português *diferir*: **1.** Adiar, procrastinar, retardar; e **4.** ser diferente, distinguir-se (Aurélio).

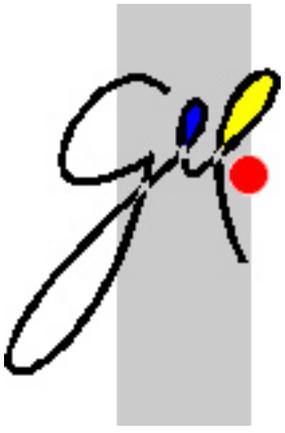
Por outro lado, *différance* organiza o que Lewis chama de ponto de força de um texto, constituindo-se em um dos pilares sobre os quais se assenta a reflexão derridiana. Por ser um “nó de energia textual”, que permite várias leituras, efetua na tradução o duplo movimento, que permite fazer sobressair a força-chave dentro do texto e a resistência ao uso comum que causa o abalo. É assim que se presume que deva chegar em solo novo: forçando o sistema lingüístico de onde vem e aquele no qual aporta, demandando uma releitura na língua de partida, assim como naquela de chegada. Ao mesmo tempo, esse movimento traz à tona as diferenças incontornáveis entre as línguas, mesmo entre aquelas que se assemelham, por provirem da mesma origem, como ocorre com o francês e o português. O abuso efetuado na tradução deve, por outro lado, ser passível de retomada, para que possa repercutir. Essa é uma das finalidades do presente trabalho: divulgar a estratégia em que a palavra *diferensa* foi cunhada, para que esta possa se difundir na literatura de inspiração derridiana posterior.

Tendo em vista a argumentação desenvolvida, creio que o “ponto de força” foi convenientemente deslocado e reconduzido, tendo sofrido uma transformação oportuna no solo de chegada. O abuso criado pela *différance* na língua francesa encontra um movimento análogo na língua portuguesa e aponta, do mesmo gesto, para a inevitável cena de assimetria que se desenrola entre elas.

RESUMO: Este trabalho examina a noção de *abuso* na língua de partida e na tradução (o que abala uma certa visão do que seja fidelidade), proposta por Philippe Lewis. Em seguida, ela é aplicada às traduções brasileiras da palavra *différance* derridiana, e analisa-se seu alcance.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; uso; abuso; *différance*; *diferensa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



DERRIDA, Jacques (1968) — “La différance”, in *Théorie d’ensemble*. Collection Tel Quel, Seuil, Paris.

_____ (1971) — *A Escritura e a Diferença*. Perspectiva, São Paulo. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva.

_____ (1973) — *Gramatologia*. Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro.

_____ (1982) — *The ear of the other*. Translation of *L’oreille de l’autre* (VLB Éd., Montréal, 1982). Schocken Books Inc., New York. Translated by Peggy Kamuf.

_____ (1995) *Salvo o Nome*. Papyrus, Campinas. Tradução de Nícia Adan Bonatti

LEWIS, Philip (1982) — “Vers la traduction abusive”, in Derrida (1982:252-261).